



GT 64. Olhares Antropológicos sobre Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Coordenador(es):

Renata Menasche (PPGAnt/UFPEL e PGDR/UFRGS)

Janine Helfst Leicht Collaço (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Necessidade de primeira ordem, o ato de comer é também fato econômico, social e cultural. Assim, ainda que inserida em rotina e aparente monotonia, a ingestão de alimentos não é ação neutra, revestindo-se de sentidos e valores, que se concretizam em escolhas e práticas alimentares. Comer é, também, ato político. Em 2014, após uma década em que o combate à fome orientara a agenda de políticas públicas, o Brasil deixou de constar do Mapa da Fome, quadro que, desde 2016, com a redução dos gastos sociais do governo, vem retrocedendo. Segundo a legislação brasileira, a Segurança Alimentar e Nutricional “consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”. É nesse quadro que este Grupo de Trabalho pretende provocar a reflexão, estimulando, a partir da Antropologia, a problematização de noções que constituem o marco conceitual do debate em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, acolhendo especialmente estudos etnográficos que abordem questões atinentes a classificações da alimentação e outras que possam iluminar, a partir de perspectivas de distintos grupos, critérios que falam de gênero, qualidade da comida, de fome, de obesidade, de saudabilidade, de sustentabilidade etc.

(In) segurança Alimentar e Nutricional: un análisis transcultural de modelos preventivos contra la obesidad en España, Argentina y Brasil.

Autoria: Fabiana Bom Kraemer (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Mabel Gracia Arnaiz, Universidad Rovira i Virgili, España Flavia Demonte, Universidad Nacional de San Martín, Argentina

Argentina, Brasil y España reconocen la obesidad como una prioridad en la agenda de políticas públicas, aunque ninguno ha tenido éxito al ahora de disminuir la prevalencia. El objetivo de este análisis comparativo es caracterizar la estructura conceptual subyacente de los modelos preventivos implementados durante los últimos años en estos tres países. Optamos por un estudio cualitativo del contenido de las medidas adoptadas entre 2004-2019 el marco de la Estrategia para la Nutrición, la Actividad Física y la Prevención de la Obesidad (España); el Programa Nacional de Alimentación Saludable y Prevención de la Obesidad (Argentina) y la Estrategia Intersectorial para el Control y la Prevención de la Obesidad (Brasil), así como ítems extraídos de las encuestas de salud. Los 46 textos seleccionados de los organismos gubernamentales incluyen planes, programas y acciones que han sido analizadas como textos culturales. En un contexto culturalmente distinto, pero epidemiológicamente similar en al aumento sostenido de la prevalencia de sobrepeso, los tres países diseñan su estrategia para hacerle frente reproduciendo el diagnóstico global sobre sus causas y replicando algunas de las medidas propuestas a nivel mundial basándose en premisa que la obesidad es una enfermedad epidémica, multicausal y evitable. Mientras que el impacto de los denominados ?ambientes obesogénicos? es considerado el culpable de estas tendencias, las acciones emprendidas promocionan, en buena medida, cambios que requieren comportamientos individuales. Las acciones de educación, comunicación e información estimulan el autocuidado y las prácticas de educación alimentaria y nutricional con individuos y grupos de población para que se motiven para ?elegir? racionalmente alimentos saludables. Se han creado guías alimentarias y otros materiales didácticos para favorecer cambios en la dieta



y en la actividad física. A diferencia de España y Argentina, el Plan de Brasil es una estrategia intersectorial que propone también valorizar el consumo de alimentos regionales y preparaciones tradicionales, promover la sustitución de alimentos ultraprocesados por verduras, leguminosas, frutas y pescados obtenidos de la comercialización en circuitos más pequeños. Se concluye que, aunque la tipología de los programas propuestos ha sido variada, es menos plural en cuanto a su naturaleza y alcance. No se discuten, p. ej., los límites que enfrentan las personas para modificar sus "elecciones", ni el impacto de los determinantes sociales en la vida cotidiana. Parte de la ineficacia de este modelo es que lo ha hecho minimizando las dimensiones complejas las prácticas alimentarias y el impacto de los factores macro y microestructurales en la salud, en especial entre las personas socialmente desfavorecidas.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: